

ACHILLES ALVES

SOMBRAS



ACHILLES ALVES

# SOMBRAS

(COM ILLUSTRAÇÕES DO AUTOR)

— 1919 —

**Do mesmo autor :**

**CANTIGAS — 1916**



# Sombras

(1916—1919)



## *A meus pais*

---

*Si eu na estrada da vida colher flores  
não cingindo a corca dos espinhos,  
darei a vós dos louros es verdes  
por não poder pagar vossos carinhos.*



## LUZ

—Luz, sois vós quem a noite e o dia  
os olhos meus assim turvais!

—Faról brilhante, sois meu guia  
ao céu azul dos ideaes!

Vós que me dais estas olheiras  
inda mais roxas do que o luar,  
sois por quem passo horas inteiras  
durante a noite a meditar.

De quando nós nos conhecemos!  
Ah! tanto tempo já se vai!...  
Nunca mais nos esqueceremos,  
—facho de luz —brilhai! brilhai!...

Meu pensamento tumultuario  
voa a uma altura colossal...  
Encontro em vós um relicario,  
sois da Poesia a forma ideal.



**...QUE PASSAM**



## DOR

Pleno Outono. Escurece. A noite enluta  
todo o verde da terra e o azul dos mares.

O morcego agoureiro sai da gruta  
perturbando a mudez fria dos ares.

Ha zumbidos de abelhas e cicios  
pela verdura alacre da folhagem.

Ao longe veem-se os coqueiraes sombrios  
que se perdem na bruma da payzagem.

Nesse lethargo immenso dorme tudo:  
o céu, a terra, o mar, os animaes.

Num sussurro de angustia quasi mudo  
quebram-se as leves ondas contra o caes.

Decai a noite. O lusco-fusco intenso  
os olhos dos humanos não devassam...

Sobre a janella debruçado eu penso  
e ante meus olhos vagas sombras passam.

Algumas niveas, de cabellos ruivos,  
outras ariscas, de olhos exquisitos...

Os cães ao ve-las põem-se a dar uivos  
e as aves negras gritos e mais gritos!

Impressionam-me as sombras. Envelheço  
annos inteiros num minuto só.

Meninas lindas! teem olhar travesso...  
Vejo-as envoltas em mysterio e pó!

Vejo-as instantes, creio longos ann s...  
A terra é sempre a terra! E o mar? — E' o mar;

DOR

---

Mas eu não sou o mesmo. E' que os humanos continuamente vivem a mudar.

Impressionam-me as sombras. Tempos idos ponho-me então saudoso a recordar...

O canto d'ellas fere-me os ouvidos.  
Chamo-as... quero as ouvir cantar, cantar.

Aos poucos se approximam; a mais bella senta-se calmamente ao pé de mim

no largo parapeito da janella  
e canta. — A sua voz fala-me assim: —

«Procura ver si adivinhas  
quem sou, de onde vim, procura  
ler das minhas mãos as linhas  
que me teem a sina escura.

Lê-me a sorte! anda! estas triste,  
mudo de pavor e assombro.  
Teu corpo já nem reziste  
meu braço pouzar-te ao hombro.

Vamos, teu corpo repousa  
sobre meu collo nevado.  
Fala-me assim qualquer cousa,  
vê si desvendas meu fado.

Lembras-te acaso d'aquellas  
tardes tristes de sol-posto  
que as estrellas amarellas  
turvavam-me a cor do rosto?

Anda a ler a mina sina!  
nada te custa, é um instante! »  
«— Mas não a posso ler, menina,  
não sei, não sou cartomante!

5

DOR

---

Si o fosse, sem que disseses  
para pegar em teus dedos,  
contava-te como preces  
mais de trezentos segredos.

Lia-te a sorte, falava  
que eras infeliz, sem par;  
dizia que não te amava,  
nem me devias amar.

Dizia que nos teus olhos  
desvendava um triste fado,  
um mar crivado de escolhos...  
Chorarias ao meu lado.

Então colhia o teu pranto  
na seda frouxa de um lenço,  
para molhar o que canto  
e amenizar o que penso.

Depois de olhar-te chorando.  
beijar teus olhos, sorver  
todo o veneno e tombando  
sobre teu seio, morrer! »

.....  
.....  
.....  
.....

Olhou-me a sombra. Olhou-me e toda  
vestida em gaze cor de neve,  
(como a donzella para a boda)  
assim falou-me : — «Escuta, é breve  
o que te irei contar agora.  
E' curta a historia, antes que a aurora  
venha espreitar-nos, partirei.  
Fui como tu, tive *esperança*,  
(coisa tão vã) era criança!...  
Busquei um dia o amor, e amei.

Ah sofrimentos, desenganos,  
que de amargores e torturas !  
Dias maiores do que os annos,  
manhãs sem luz, negras e escuras !  
Um dia assim como na praia  
o sol em súplicas desmaia  
em sombra esquiva me tornei.  
Ando escondida em minha tóca,  
só appareço a quem me evóca,  
jamais ao mundo voltarei.

Como a verdade sou esquiva ;  
do vento escuto a voz maviosa...  
Sou uma sombra evocativa  
filha da noite nebulosa.  
Soffres como eu ; maguas eternas  
deixas vasar em tuas ternas  
palavras flácidas de amor.  
Quero-te sempre ; a vida inteira  
hei de ser tua companheira,  
meu bom amigo. — Eu sou a *Dor*»

---



# AS ESTAÇÕES

(A Murillo Araujo)

## I

*Primavera* és boa, tu és a florista  
que vai pelos campos semeando flores.  
Pássaros em bando, tudo que te avista  
te ama ardentemente; tudo te conquista,  
as ovelhas balam, quedam-se os pastores

Samburá ao braço, nos cabellos loiros  
fitas enlaçadas que faz gosto ve-las.  
Como és graciosa, que gentis thezoiros,  
ha na tua boca. Querem-te os bezoiros,  
borboletas te amam. Louvam-te as estrelas.

## AS ESTAÇÕES

---

Passas requebrando, dás aos namorados  
lindos cysanthenos, rozas de encantar.  
Vais contente e leve, vais cantando fados,  
deixas olhos tristes, corações maguados,  
toda gente afflue para te ver passar.

Minha Primavera, si num cruel dia  
tu fores embora, não voltares mais,  
ficarão os prados cheios de agonia..  
Quantos olhos baços! Quanta boca fria!  
Quantos corações sem palpitar jamais!



II

—*Verão*, és quente, quente!...

Pareces Satanaz trajado de vermelho,  
de tocha acceza em punho, a boca incandescente,  
e olhos brilhantes de um luzir de espelho.

Crestas o campo e o bosque velho ;  
quando chegas se extingue a agua corrente.  
Os lavradores pedem-te de joelho  
piedade. Mas como és indiferente!

Continuas feroz. Vais os rios seccando,  
torras a copa altiva das palmeiras,  
nem escutas os pássaros chorando!...

—Passa! corre! Não voltes nunca mais!  
E's mais candente que as fogueiras,  
pareces Satanaz.

## III

*Outono.* As flores antigas  
tornam-se em fructos agora.  
Pelas árvores amigas  
o vento sussurra e chora.

E's o forte vivandeiro,  
sublime fructicultor,  
lindo amante, e companheiro  
da Primavera em fulgor.

Outono, trazes-nos fructas,  
levas em paga as cantigas  
das bocas mais impollutas:  
das bocas das raparigas.

Tu és a quadra querida  
das borboletas azues.  
Dás-nos força, sangue, vida,  
esperança, amor e luz.  
Tu és a estação querida  
das borboletas azues.

IV

*Inverno!* como és frio!

Tornas em gelo a água do rio,  
enches de bruma as pálidas manhãs,  
queimas as folhas tenras do arvoredo...  
Tudo a te presentir agita-se de medo  
tal como a caça quando avista os cães.

E passas como um velho a um bastão arrimado  
a tremer, a tremer...

Andando tropego e alquebrado  
com fome e sem comer.

Abres ao lar a porta da desgraça...

Pedes esmolas a quem passa  
porém todos de ti vão se afastando,  
e deixam-te sósinho, e te deixam chorando.

11

AS ESTAÇÕES

---

Porque te odeiam tanto ? E' lúgubre teu fado !  
Gente sem coração e sem amor.  
Não tens a culpa emfim, não és culpado  
de não teres mais sangue e mais calor.

E' triste a tua sina, Inverno amigo !

Mendigo,  
tu és o Inverno personificado :  
torto, velho, tremente a um bastão arrimado.

---

## HORA DA SOMBRA

*(Ao meu irmão Eurico)*

Hora da sombra. Nevoa e tristeza  
descem da altura toldando o ar.  
Céu de saphira, céu de turqueza,  
que se reflecte dentro do mar.

Sinos tangendo surdos e lentos  
longe das praias, perto dos mattos.  
Pelos caminhos bois somnolentos  
vão desfilando quiétos, pacatos...

Aves voejando dentre o arvoredado,  
fugindo á bulha da tempestade.  
Hora da sombra. Quanto segredo!  
Quanta tristeza! Quanta saudade!



HORA DA SOMBRA

---

Céu crystallino da cor de opala  
vai se incendiando, cheio de luz.  
Alta palmeira no gesto fala  
terna cantiga que me seduz.

Vultos espessos vão se esgueirando  
no lusco-fusco da fria tarde.  
O tempo passa... vai se passando  
e o céu candente em púrpuras arde...

Canções sublimes, doces balladas,  
saem das bocas das raparigas  
que se divertem pelas estradas  
quebrando milho, colhendo espigas.

Hora da sombra. Doce harmonia  
revela o sino na paz do leito.  
Ah! tanta magua! Que nostalgia!...  
Ave-Maria dentro em meu peito!

---

## BRUMAS

Nuvens...  
Flócos de espuma,  
pálida bruma  
que se esvai pelo azul do firmamento...

Espiraes embriagantes de fumaça  
que o vento  
dezfaz si passa.

Pelas tardes de inverno as nuvens crescem, crescem...  
e frias descem  
cobrindo o verde limo da montanha.

Mas, cedo, pelas claras madrugadas  
ao vir do sol ardente,  
teias de aranha...  
bruscamente  
espanejadas  
todas se perdem na campina fóra...

As nuvens  
são lágrimas da aurora.

Amor! amor! — tu és tal como a bruma,  
és igual d'ella.

Evapora-te d'alma  
como nuvens do píncaro do monte,  
a se perder na curva do horizonte...

Tu és espuma  
límpida e bella  
que o mar em calma  
afóga,  
sacode e jóga  
de encontro as pedras alcantiladas.

És o fogo, és a cinza, és a fumaça!...  
Si te não desfaz o vento,  
desfaz-te o tempo que passa.

*Nuvens esparsas pelo firmamento...  
Amor nas almas descuidadas.*

## CASTELLOS NO AR

Castellos, verdes castellos  
que andei construindo no ar  
sem alicerces, firmados  
pelo andaime da Esperança,  
(Que fantasia de criança!)  
foram todos derribados.

Eram tão altos, tão bellos!...

Agora eis-me a chorar:  
Meu Deus, que é dos meus castellos  
que andei construindo no ar?

\*  
\* \*

Coração, para! não batas  
assim com tanta carreira.  
Olha, si não te recatas  
em breve tornas-te em poeira.

CASTELLOS NO AR

---

A illusão que te entretinha  
desfez-se em flócos de espuma,  
deixando-te envolto em bruma,  
suffocado a soluçar.

Calma, coração! caminha,  
mas  ~~siga~~ mais devagar!  
*segue*

Cuidado, nesta carreira  
podes te tornar em poeira  
como os meus verdes castellos,  
sem alicerces, tão bellos,  
que andei contruindo no ar.

Meu Deus! Que é dos meus castellos  
que não mais consigo achar?

---

## A VOZ DO VENTO

Arvores velhas, velhos muros,  
tristes recantos esquecidos.  
Dentro dos bosques mais escuros,  
gemidos...

Gemidos fúnebres, terríveis,  
de onde partis? — Não sei! Não sei!  
Ha pela estrada mil declives...  
— Sort! meus passos protegei!

É tarde. A noite afoga o dia,  
a luz se foi e a treva vem.  
Por esta zona erma e sombria,  
ninguem.

Ah! noite escura! Nem um raio  
de luz nos amplos horizontes.  
Que treva immensa! Num desmaio  
morrera o sol. Choram as fontes.

Aves da noite buliçosas  
voam nos tortos arvoredos.  
Leio no céu, nas nebulosas,  
segredos . . .

Tremo e pergunto: — Que é que indica  
este rumor lento . . . tão lento?  
Longe um gemido me replica: —  
*E' a voz do vento ! E' a voz do vento ! . . .*

Arvores velhas, velhos muros,  
tristes recantos esquecidos.  
Dentro dos bosques mais escuros,  
gemidos . . .



## A SECCA E A CHUVA

### I-

Tudo seccára, tudo. Agora apenas  
só restam pelas margens das estradas  
(em vez de arvores verdes e serenas)  
folhas mortas e troncos e galhadas.

Jamais houvera quadro assim. Phalenas  
succumbem ao romper das madrugadas  
de fome e de cansaço. Eis que as pequenas  
aves fogem aos bandos assustadas.

O lago onde a libéllula se banha,  
o velho bosque, a relva de velludo,  
vão aos poucos sumindo, vão seccando . . .

E o sabiá tristonho na montanha,  
entrega-se a um soffrer acerbo e mudo  
como si a vida fosse se acabando . . .

II

Chegára o temporal. A ventania  
passa por entre os cannaviaes chorando...  
E pela estrada tortuosa, esguia,  
nuvens de poeira vão se levantando.

Não tarda a chuva, ahi vem. De quando em quando  
ouço estalar a verde ramaria,  
que vai ao léo do vento soluçando  
numa prece de angustia e de agonia.

Bate-se o mar, agitam-se as palmeiras,  
estorcem-se as copadas lorangeiras  
ao subitaneo vendaval que passa,

e cai a chuva ás ruas fortemente...  
E eu contemplo isto tudo calmamente,  
vendo através dos vidros da vidraça.

---

## TEMPOS IDOS

Tardes de beira-mar. Sonoramente  
entoavam na igreja — *Ave-Maria*.  
A briza suspirava; e o sol ardente  
no occaso a vomitar sangue morria.

Mirava-se no lago alvinitente  
a saracura leve, esbelta, esguia ...  
Ah! nesta hora, hesitante a alma da gente  
de saudade e de amor se revestia.

Tardes de beira-mar. Quando me lembro  
dessa quadra feliz de primavera,  
desse tempo de fé, desse Novembro ...

a angustia de meu peito se minora  
emquanto o coração se desespera  
e de saudade e dor soluça e chora!

---

## NATUREZA

Tudo que é grande e que nos extazia,  
aquillo <sup>lo</sup> que possui vida e beleza,  
o mar, o lago, o rio, a correnteza,  
a sanguínea manhã, a *Ave-Maria*;

tudo que encerra o riso ou a tristeza,  
a esperança, a saudade ou a alegria,  
a mulher que a sorrir nos delicia,  
tudo é gerado pela *Natureza* !

.....

.....

Vou para o campo. Diante a formosura  
de uma estrada que segue e que se torce  
para. Mas, ah!... Não faço o que desejo.

O' Natureza, és tão grandiosa e pura  
que por mais que eu trabalhe e que me esforce,  
não te posso pintar como te vejo !

## PRIMAVERA

Primavera florida. Primavera  
cheirosa de perfumes e alegria!  
Durante o dia  
aves cantando ás copas das mangueiras,  
alegres, prazenteiras.  
Crepúsculos azues, tardes brancas de Estio,  
brizas de suavissimo cicio,  
encerras na tua alma  
seductora, tranquilla, boa e calma.

Primavera feliz! ah minha Primavera  
que me arrancas metade da amargura!  
Como perdura  
risos, bonanças,  
pelas bocas ardentes das crianças...  
e termina com plácida ironia  
a tristeza onde o riso principia.

## PRIMAVERA

---

Quando tu vais embora e quando tu nos deixas,  
que duras queixas  
nos olhares das folhas infelizes  
e que magua nas tímidas raizes!...

Primavera florida. Primavera  
eivada de perfumes e alegria,  
que nostalgia  
quando tu vais embora,  
que tudo chora: —  
o prado, o valle, a relva de velludo,  
em um silencio transitorio e mudo!...

— Eu sempre hei de te amar, quadra querida,  
porque tu és a encarnação da vida!

---

## SINCERIDADE

Sinceridade! Sinceridade!  
Sempre a procuro sem a encontrar.  
E' fugitiva como a verdade...  
Sinceridade! Sinceridade!  
Ah quem me dera pode-la achar!

Foi-se-me a infancia, da mocidade  
avisto o fim a se aproximar.  
Era criança, dobrei de idade,  
foi-se-me a infancia. Guardo a saudade  
do meu passado cheio de luar.

## SINCÉRIDADE

---

Quando a velhice me vier, ella ha-de  
o meu cabello todo ennevoar  
com a bruma fria da tempestade  
sem dó, sem pena, sem caridade,  
com a branca espuma d'agua do mar.

Tudô que é magna meu ser invade :  
Trago commigo dor e penar,  
tenho a tristeza, tenho a saudade.  
Mas ella, a branca Sinceridade,  
em vão procuro sem encontrar!...

---



## CANTIGA

Floristas, minhas floristas,  
não quero mais vossas flores.  
Porque m'as quereis vender ?

## VOLTAS

Deixai-me quiéto momentos,  
ó raparigas travessas  
de olhos vivos e ciumentos  
e de doiradas cabeças.  
Seguí para outras conquistas . . .  
Livrai-me por caridade  
d'esta infinita anciedade,  
floristas, minhas floristas !

## CANTIGA

---

Trago rosas no collete,  
no chapéu e na botoeira . . .  
Tornei-me em uma roseira,  
(ou melhor) num ramallete.  
Agora virei ás tardes  
ver vossos olhos traidores ;  
porém direi si teimardes :  
— Não quero mais vossas flores.

O' bando de crianças loucas !  
ó bando de borboletas !  
derramai essas violetas,  
que flores tendes nas bocas !  
— Floristas, si eu vos pedisse . . .  
Nem vale a pena dizer.  
Não quero flores, já disse.  
Porque m'as quereis vender ?

---

## CANTIGA

Pastorinhas, pastorinhas,  
não vos quero ouvir cantar.  
Quebrai as vossas guitarras,  
depois lançai-as ao mar.

### VOLTAS

Já fartos de ouvir cantares  
tenho os ouvidos. E agora  
todo o dia e toda hora,  
vejo por todos lugares  
em que os olhos arremeço,  
um grupo a cantar modinhas.  
— Calai-vos, sim? Eu vos peço,  
pastorinhas, pastorinhas.

Imaginais que é cantando  
que a gente os males espanta.  
Porém minh'alma si canta  
vai seus males augmentando.  
Não me apraz ouvir cigarras,  
nem serenatas ao luar.  
Quebrai as vossas guitarras,  
depois lançai-as ao mar.

---

## OLHOS

*(A Castro Lima)*

Olhos verdes, azues, negros, castanhos, pardos,  
que nos dando prazer nos dão pena e martyrio;  
em que havendo tambem os espinhos dos cardos  
ha o perfume da rosa e a belleza do lyrio,  
olhos verdes, azues, negros, castanhos, pardos.

Como sois bellos rindo e sois tristes chorando!  
Quanto brilho emanais! quanto ardor! quanta luz!  
Supplicais a mandar e mandais supplicando,  
olhos negros... emfim: pardos, verdes e azues.

Mas a mim que sou fraco ás miserias humanas,  
a mim que de chorar tenho os olhos inchados,  
punge mais ver a dor, ver as luctas insanas  
dos olhos que não veem. Ai, dos olhos vasados!

Nos olhos em que ha luz, embora tolde o pranto,  
haja embora o penar symbolico dos bardos,  
não encontro a emoção, não me impressionam tanto  
como os olhos sem luz. Ah! por isso é que os canto  
junto aos verdes, azues, negros, castanhos, pardos!

---

## NO ALBUM DA SRA.<sup>TA</sup> CLORINDA DE MELLO MORAES

Este livro, um relicario  
de joias de alto valor,  
não pode encerrar o vario  
versejar de um trovador.

Si por acaso eu pudesse  
(Doce illusão que me anima!)  
deixar escripta uma prece  
pela harmonia da rima,

por certo não temeria  
ennodoa-lo. Porém,  
da minha lyra a poesia  
forma e clareza não tem.

Sobre esta folha tão pura  
vendo o meu verso, o comparo  
a uma nuvem negra e escura  
sobre um céu lúcido e claro.

---

## CARICATURA

Tarde de Maio. As campinas  
dormem tranquilas, serenas,  
o vento agita as boninas,  
lyrios, rosas e açucenas.

Voejam no espaço phalenas,  
cantam cigarras divinas,  
e nas estradas amenas  
brincam de roda as meninas.

Tange o sino na igrejinha...  
Torna-se o céu cor de rosa,  
canta o gallo no terreiro...

e na porta da cosinha  
a cosinheira dengosa  
namorica o jardineiro.

---

## RECORDANDO...

Abrindo este livro, tremo  
e fico mudo e parado  
vendo-te meu crysanthemo  
desbotado, desbotado.

Pálida flor fenecida!  
todo meu ser se constrage  
e sino da minha vida  
no meu peito tange, tange.

Já não guardo mais a graça  
dos meus sonhos de menino.  
Flor, tudo vai, tudo passa  
seguindo um guia : — o Destino.

Já foste bella e viçosa...  
E a dona com que desvelo  
te ostentava caprichosa  
nas ondas do seu cabelo!

RECORDANDO...

---

Depois... vieste ter commigo  
que te tenho conservado.  
Achaste num peito amigo  
um coração desprezado.

Conservo-te, satisfeito,  
desbotado e sem perfume  
porque meu vasio peito  
sómente maguas resume.

Chorei, supuz que morresse...  
Reconheci entretanto  
que muito embora soffresse  
não devia chorar tanto.

Por te haver roubado a morte  
meus olhos enchem-se d'agua.  
—A vida é a barca sem norte  
batendo de fragua em fragua.

---



## ROSARIO DE RIMAS

(Para meu irmão Heitor)

Outr'ora de alma serena  
escrevi sobre as areias;  
agora mergulho a penna  
na tinta rubra das veias.

\*  
\* \*

A alegria não punge e não devora,  
nem nos rouba do rosto a meninice.  
Porém a dor, que a lágrima minora,  
vindo uma vez não mais se vai embora:—  
Fica impressa nas rugas da velhice.

\*  
\* \*

Tuas eternas cantigas  
ferem-me com pontas de aço.  
Por favor, não mais prosigas  
a me fazer de palhaço.

Já minha razão varia,  
e a fronte de febre me arde:  
—Si é de tarde, dou *bom dia*,  
si é de manhã, *boa tarde*.

ROSARIO DE RIMAS

---

\*  
\* \*

Sou tal qual um papagaio  
que tu sóltas, minha amante.  
Não fujo pelo ar, não caio  
pois nosso amor é o barbante.

Vem um dia a ventania,  
rebenta o cordel, ahi  
verás tu que nesse dia  
eu me separo de ti.

\*  
\* \*

Habitado a dizer o que não sente  
o homem atravessa um existencia inteira.  
Que a vida social é uma carreira  
que prejudica a vocação da gente.

\*  
\* \*

No meu coração, um bando  
de amores já tem morado.  
Vão saindo, vão entrando,  
deixando-o sempre ocupado.

—Cupido, como és malvado!  
Amargas mais do que fel!  
E's tu que tens transformado  
meu coração num hotel.

ROSARIO DE RIMAS

---

\*  
\* \*

Para que nada vos fira  
nem aos outros desagrade,  
lançai o véu da mentira  
sobre a nudez da verdade.

\*  
\* \*

Para beijar o teu decote,  
o teu pescoço e após sorve-los,  
quizera ser um papelote  
dependurado em teus cabellos.

\*  
\* \*

Seu nome... Com que desvelo,  
com que fervor se consome  
meu olhar para sabe-lo!  
Porém que immensa tristeza..  
Eu morrerei com certeza  
sem nunca saber seu nome.

\*  
\* \*

—A ti, que tanto me animas,  
Musa exuberante e ardente,  
rezarei devotamente  
no meu *Rosario de rimas*.

## O SEGREDO DA PALMEIRA

*(Ao mestre e amigo Dr. Mello Moraes Filho)*

### I

Ha tempos que nascera á margem da ribeira  
serena como o céu, alegre como o dia,  
o lindo vegetal, a trémula palmeira.

A briza que cantava, o vento que gemia,  
passavam-lhe através das frondes suspirando  
numa canção de amor, numa doce harmonia.

Jamais negára abrigo ás aves que chorando  
lhe pediam guarida em meio da invernada,  
guarida que abrigasse o peregrino bando...

E assim bondosa e pura, e assim querida e amada,  
crestando-se ao verão, verdejando no outono,  
indifferente á chuva e á frígida rajada...

erguia-se a palmeira em tétrico abandono.

II

Vieram os noivos. Chegaram  
brancos, frios como a neve  
e os nomes d'elles de leve  
sobre a palmeira gravaram.

E juntos da hera pendente  
que da palmeira descia,  
entre promessas felizes  
juraram ao pé das raizes  
amarem-se eternamente.

A tarde branda caía...

III

—«Si nós nos esquecermos  
ó pállida donzella,  
o que gravámos sobre esta palmeira  
cedo talvez desapareça d'ella!  
Ai! chorarei a minha vida inteira  
si nós nos esquecermos!... »

IV

—«Guarda palmeira este segredo. Guarda  
confidente, por tua vida inteira.

A Primavera já voltar não tarda...

Esconde sempre este segredo, guarda  
nas tuas fibras, trémula palmeira!...»

V

Alta noite. Na encosta do monte  
passa um rio num surdo lamento,

geme o vento,

chóra a fonte

que se escoa no sólo sedento.

Pelo céu vai-se a lua fluctuando  
qual jangada no lago a boiar.

As estrelas

tagarellas

scintilando,

ficam cheias de somno a piscar.

Dormem bosques, campinas, outeiros,  
verdes mattas e musgos rasteiros.

VI

Já lá se vão tres annos. Na palmeira encontram-se inda os nomes enlaçados, como quando alli foi a vez primeira aquelle ardente par de namorados...

Dentro do peito do mancebo exausto, no coração da rapariga linda, naquellas almas que outr'ora se amaram de amor já nada existe. E mais ainda os vestigios que havia se apagaram.

VII

A' noite sonoramente  
a briza passa a cantar:  
—Ai, como peza na gente  
segredos de outrem guardar !...

VIII

Verão. Seis horas. Rompe o dia  
ennevoado. O vento vai  
soprando forte. A ventania  
ainda mais forte. A chuva cai.

Os pantanaes tornam-se em lagos,  
tornam-se as fontes em cachoeiras !...  
Pelos vergeis quantos estragos !  
Pelas estradas que barreiras !...

Cresce o regato, o rio cresce  
as margens cobre e o leito invade.  
A chuva forte desce, desce...

Que tempestade !

IX

Reluzem raios pelo espaço em fóra...  
Treme se susto a natureza inteira...

    E eis que á palmeira  
        que freme e chóra,  
        chega-se a tempestade,  
        sopra o vento mais forte,  
arrebata-a sem pena e caridade !  
Ella toda se esquivia :- E' a morte !-E' a morte !...



E se vai sem destino ao léo das aguas,  
ao léo da correnteza,  
soluçando e carpindo suas maguas,  
supplicando piedade á natureza...

X

Cessa a tempestade. O céu torna se agora  
como dantes era. A trémula palmeira  
jaz inerte em paz á margem da ribeira.  
Passa o dia e a noite, chega a luz da aurora...

Não se movimenta, as palmas não balaçam,  
e por sobre o caule as heras que se entrançam  
vão tomando vulto. Fica alli escondida  
a arvore que soube conservar na morte,  
a lembrança viva de um amor tão forte  
que o homem não soubera conservar na vida!

XI

Chorai com os prados, soluçai com as fontes  
Arvores—filhas verdes das campinas!  
Vai resplendendo o sol nos horizontes  
a derramar as lágrimas divinas...

Ha no occaso vestigios de fumaça...  
Desce a noite nas mattas tenebrosas...  
E a suave briza que na relva passa  
deixa escripto palavras lacrimosas.

Chorai filhas da terra congregadas,  
para que ouvindo então vosso lamento,  
fiquem chorando as aves assustadas  
e o vento que a matára, o proprio vento !

XII

Lembro-me d'essa palmeira !  
D'ella recordo a chorar  
pelas noites de luar...  
Lembro-me d'essa palmeira  
que nas margens da ribeira  
vi uma noite tombar.  
Lembro-me d'essa palmeira,  
d'ella recordo a chorar !...

---



**...QUE FICAM**



Tempos após revendo o cofre d'alma,  
percebi a tremer, emocionado,  
com o coração a palpitar, sem calma,  
que nem todas me haviam desprezado.

Eram sombras também ; mas diferentes  
das outras em razões que não se explicam.  
Sombras que teem calor, sombras ardentes,  
que veem mas não se vão :—*sombras que ficam.*

XIV

Outr'ora havia o amor de damas e princezas,  
fidalgos e barões, cavalleiros andantes,  
vencendo pela estrada escombros e asperezas,  
conseguindo galgar os castellos gigantes

em busca da mulher que o peito rijo e forte  
nunca então attingido em pugnas e duellos,  
o mesmo peito que jamais ferira a morte  
lhe vencera com a luz dos olhos negros, bellos.

Sempre aventuras, sempre enormes pugilatos,  
scenas emocionaes de estrepitosos lances  
de que nos restam só gravuras e retratos  
e que inda agora dão assumptos aos romances.

Hoje é tão differente! O tempo já passou  
do amor cavalheiresco, amor de velho thema.  
E calmo, sem espada e nem couraça, vou,  
comtigo amada, ver as fitas do Cinema...

XV

Ella me espera. Sei que ella me espera,  
e lá não vou por um capricho louco.  
Zanguei-me átoa, o que ella me dissera  
não foi motivo nem razão tão pouco.

Agora todo neurasthenizado  
fico em meu quarto só, eternamente  
a ler a mesma página de um livro,  
podendo estar alegre e do seu lado,  
talvez sentindo um beijo quente, quente...  
E deste captiveiro não me livro?!

Sou dos loucos que o mundo tem dispersos...  
De modelo, meu Deus, não serviria.  
Só mesmo si deixasse esta mania,  
a mania de andar fazendo versos.

Pensando bem : — tenho a cabeça louca!  
Pois ir depois de ouvir de sua boca  
frazes de amor tão doces e sonoras,  
scismar que não me amava, eu que sabia  
com que pezar ella se despedia  
de mim, dizendo:— «*Adeus, já são nove horas*»...

Devo lá ir. Eu sei que ella me espera  
porém não vou por um capricho louco.  
Zanguei-me átoa, o que ella me dissera  
não foi motivo nem razão tão pouco.



XVI

Recordo-me de ti, quando nos ares  
passam chilriando as leves andorinhas,  
E cuido estar submisso aos teus olhares,  
a beijar tuas cálidas mãosinhas . . .

Sim, me lembro de ti, quando tu vínhas  
sob a luz fria e branca dos luares,  
juntar ás tuas as tristezas minhas,  
reunir tua magua aos meus pezares.

E vendo que te esquivas, eu que te amo,  
por ti grito, supplico, appelo, chamo:—  
—Vem que te adoro! Vem mulher querida,

passeiar nos vergeis e colher flores.  
Vem encher de prazer a minha vida  
e queimar em meu peito os teus fulgores!

XVII

Em cada verso que te escrevo e mando  
vai tambem um suspiro, um beijo, um riso . . .  
Levam-te flores que eu colhera quando  
era teu peito immenso paraíso.

Hoje, murchas e seccas as diviso  
dentro em meus livros muita vez chorando . . .  
Para de ti não me esquecer, preciso  
junta-las sempre ao que te vou mandando.

Ah! flores que apanhámos, lindas flores  
que beijei, que beijaste, que colhemos,  
que traduzem tão bem nossos amores !

Lembremos dellas, coração, lembremos  
Guardemo-las tão pállidas, sem cores  
recordando as promessas que fizemos !

XVIII

Morena minha, como estás mudada!  
Já não pareces mais aquella  
de antigamente.

Andas agora pállida, cançada . . .  
Olha que assim tu ficas menos bella,  
olha que assim te fico indiferente.

Quando te vejo minha morena  
sinto no peito não sei que pena!

Lembras-te acaso dos agrestes dias  
em que tu ias  
toda de branco, de sombrinha aberta,  
ouvir a missa na Matriz? . . . rezar . . .  
Lembras-te ao certo. E como estás mudada.  
Eras esperta,  
viva, corada,  
não vivias assim triste a chorar.

Quando te vejo minha morena  
sinto no peito nem sei que pena!

Andas perdendo o viço. Andas perdendo  
pouco a pouco da tez a cor macia e quente;  
ao passo que em teus olhos vai crescendo  
a dor continuamente.

Dize o que tens. Supplico-te, desejo  
saber o que vai dentro de tua alma.  
Dize, fala, tem calma,  
não chores tanto assim, que si a chorar te vejo  
sinto tambem desejos de chorar!...

Quando te vejo assim, minha morena,  
pállida e trirte a soluçar,  
sinto no coração extranha pena  
e nos olhos vontade de chorar!...

XIX

Deixa a tristeza e vamos  
por essa estrada larga até ao mar,  
ouvindo entre os ramos  
a voz dos passarinhos a cantar.

Leva os cabellos sobre as costas soltos  
sem fitas e sem grampos,  
para que o vento os faça tão revoltos  
como os ramaes dos campos.

Quero que em tuas faces desmaiadas  
a alegria se note,  
para que das paineiras mais copadas  
venham flores pousar no teu decote.

Por essa estrada vamos nós seguindo,  
a olharmos para o céu, sonhando amores...  
assim cantando e rindo,  
sendo a inveja dos pássaros e flores.



